

**Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 5,
Traduções e Interpretação Inicial**

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Em nossa última sessão, discutimos questões relacionadas à tradução e, particularmente, à filosofia da tradução, examinando as duas principais filosofias que se situam em extremos opostos de um espectro. Equivalente mais formal que foca na reprodução da forma do texto, equivalente mais dinâmico que foca mais na clareza da resposta do leitor sendo capaz de compreender com precisão, e uma resposta equivalente no leitor moderno como o texto antigo. Nós, e leitores antigos do texto antigo, também falamos um pouco sobre tradução de gênero neutro e terminamos dando alguns exemplos.

E o que é importante entender sobre traduções neutras em termos de gênero é que elas são simplesmente tentativas de não necessariamente, embora possam ser, não promover necessariamente uma agenda ou de adulterar as escrituras, priorizando-as, atualizando-as e promovendo uma agenda feminista em oposição a sendo mais preciso. Mas as traduções de gênero neutro são uma tentativa de capturar o significado do texto antigo onde a língua hebraico-grega usava, a linguagem masculina, como os pronomes masculinos ou palavras masculinas que geralmente traduzimos ele ou ele ou homem. Mas quando os utilizam num contexto em que era claro que se destina a toda a humanidade, tanto homens como mulheres, então uma tradução neutra em termos de gênero tenta captar isso e quer deixar claro que é isso que o texto original pretende.

Considerando que os exemplos que analisamos de Salmos e Hebreus eram exemplos de onde traduções anteriores que mantinham a linguagem de gênero, a linguagem masculina, poderiam ter o potencial de serem mal interpretadas em nossa sociedade moderna, onde muitas vezes, e às vezes esse é o debate, mas parece que muitas

vezes a linguagem masculina em inglês é entendida como referindo-se exclusivamente aos homens. Mas se o contexto deixa claro que se refere ao masculino e ao feminino, então uma tradução de gênero revela isso claramente. Ao passo que, se apenas os homens estão a ser referidos no contexto original, então as traduções de gênero ainda mantêm essa linguagem masculina para deixar claro que os homens estão a ser referidos.

Portanto, as questões das traduções de gênero enquadram-se na nossa discussão sobre equivalentes mais formais. Mantenho a forma exata em uma tradução literal mais rígida ou mudo a forma e às vezes sacrifico a forma para comunicar com mais precisão? Como faço para usar as traduções na interpretação ou qual tradução é a melhor? E o que quero fazer é apenas dar-lhes quatro orientações que considero, na minha opinião, importantes. E, novamente, estes são apenas gerais.

Há outras coisas que poderiam ser ditas, mas quatro diretrizes para usar traduções na interpretação do é simplesmente saber com que tipo de tradução você está lidando quando usa uma tradução moderna, seja ou mesmo se é uma tradução antiga como a versão King James ou uma tradução moderna mais atualizada é saber com que tipo de tradução você está lidando. Saiba onde isso se enquadra no espectro, desde traduções equivalentes mais formais, mais rígidas, até traduções equivalentes mais dinâmicas. Portanto, saiba onde sua tradução se enquadra.

A segunda coisa é entender que não há tradução, e abordaremos isso no último ponto também, mas entender que nenhuma tradução captura, captura completamente, o significado do texto original. E isso porque, novamente, não apenas voltamos à nossa discussão sobre a distância que existe entre nós e os leitores originais e o contexto e o autor e a situação política e histórica original que nem sempre pode ser superada completa ou exaustivamente, mesmo que possa

substancialmente. Portanto, não só existe uma distância, mas já vimos que as línguas não se sobrepõem.

Parte dessa diferença ou distância linguística de que falamos. E como as línguas não se sobrepõem completamente, nenhuma tradução pode capturar completamente tudo o que está envolvido na compreensão de um texto bíblico. Por exemplo, às vezes, especialmente em alguns Salmos e em algumas poesias hebraicas, você pode ter um texto organizado de acordo com o alfabeto.

Cada linha ou versículo começa com uma letra hebraica do alfabeto. A primeira palavra sim. Isso é impossível de capturar em inglês.

Ou certos tipos de estruturas poéticas são por vezes sacrificados, ou mesmo por vezes as figuras de linguagem numa língua podem não ser uma figura de linguagem noutra língua. Obviamente, alguns deles passarão despercebidos, ou talvez não deixemos de capturá-los com precisão. Novamente, pode haver um motivo ou impacto efetivo de um texto que se perderá numa tradução moderna .

Portanto , a questão é reconhecer que nenhuma tradução captura todas as nuances e significados de um texto bíblico. Mesmo que consiga captar o seu significado de forma substancial e precisa, ninguém afirma necessariamente que o faz de forma exaustiva e perfeita. Então reconheça isso.

A terceira coisa é que, para estudantes que não são hebreus e gregos, geralmente o conselho padrão é usar uma tradução bastante literal, pelo menos como uma das ferramentas que você usa. Uma tradução que captura é mais formalmente equivalente, que pelo menos até certo ponto estará próxima e exposta à estrutura e à gramática e à forma o mais próximo possível do texto original. Assim, a maioria dos que não lêem grego ou hebraico provavelmente, em algum momento, recorrerá a

uma tradução mais rígida que poderá, novamente, não ser perfeita ou exaustiva, mas um pouco mais próxima da estrutura das próprias línguas originais.

Há uma variedade de traduções mais rígidas ou frequentemente chamadas de literais que são mais formalmente equivalentes e que fazem isso. A última coisa que quero dizer sobre tradução, na verdade direi mais dois números. Na verdade, a outra coisa que quero dizer em relação ao facto de nenhuma tradução poder captar completamente todo o significado é que o objectivo da interpretação não é apenas produzir uma tradução.

Principalmente se você trabalha com hebraico e grego, o objetivo principal não é apenas produzir uma tradução. Novamente, porque as traduções não captam todo o significado. É aí que às vezes há comentários e explicações e sua exegese, e é por isso que você faz interpretação.

Portanto, não pense que uma tradução irá ou terá que capturar tudo o que está no texto. Nas aulas de exegese grega que dou, às vezes sou um pouco flexível na tradução. Há bons e há maus, mas ao mesmo tempo não procuro a tradução para captar tudo.

Estou analisando a explicação, o comentário, a exegese e a própria interpretação para captar todo o significado e nuances do texto. Mas isso me leva ao meu último comentário. Provavelmente o melhor uso das traduções, na minha opinião, é usar o maior número possível.

Por causa do que acabamos de dizer, porque existem diferentes filosofias de tradução, porque nenhuma tradução consegue capturar tudo, provavelmente é melhor usar tantas traduções quanto possível. Porque às vezes as diferenças nas

traduções podem causar uma de duas coisas. Provavelmente mais, mas vou destacar esses dois.

Primeiro, as diferenças podem capturar nuances que são pretendidas no texto, no texto grego e no hebraico, mas não podem ser reveladas em uma tradução em inglês. A outra coisa é que às vezes as traduções diferem, revelando um problema ou dificuldade interpretativa com a qual você precisa lidar. Se você estiver lendo três ou quatro traduções e todas elas, ou pelo menos algumas delas, diferirem significativamente, às vezes é essa diferença na maneira como foram traduzidas que pode revelar um problema interpretativo.

Às vezes as diferenças são apenas estilísticas, na medida em que tornam a leitura mais suave ou algo parecido, mas outras vezes as diferenças podem revelar uma questão interpretativa significativa com a qual você terá que lidar ao interpretar e compreender um texto bíblico. Por exemplo, em Efésios capítulo 5, e este é o versículo 21, é interessante quando você compara as traduções. O capítulo 5, versículo 21 chega na metade do capítulo 5. E por que digo que é a primeira metade do capítulo 5, no final dessa primeira metade, encontramos aquele famoso texto, fique cheio do espírito.

Não se embriague com vinho, mas encha-se de espírito. E então o que se segue são uma série de, no texto grego, participios , ou uma série de cláusulas de frase que definem ou descrevem melhor o que significa ser cheio do espírito. Agora, se você começar a olhar para as traduções, o que é interessante é que algumas traduções realmente iniciam um novo parágrafo.

Na maioria das traduções para o inglês, não todas, mas muitas delas, para facilitar a leitura e a digestão, quebram o texto e fornecem títulos, títulos de parágrafos.

Muitos deles começam um novo parágrafo no capítulo 5 do versículo 21 de Efésios. Submetam-se uns aos outros por reverência a Cristo.

E então o restante do texto fala sobre esposas, submeta-se a seus maridos, os maridos amam sua esposa, e a longa comparação entre o amor do marido pela esposa e o amor de Cristo pela igreja. Mas no versículo 21, algumas traduções começarão um novo parágrafo no versículo 21. Elas interromperão o versículo 20 e talvez até tenham um título de parágrafo.

Outras traduções, como a que estou vendo, na verdade incluem o versículo 21 com o versículo 20, na verdade com os versículos 19-20 do capítulo 5 de Efésios. Isso faz uma grande diferença. Em outras palavras, com o versículo 21, submetam-se uns aos outros por reverência. Paulo inicia um novo tópico neste ponto? Ele está começando uma nova seção em sua carta? Ou, se eu considerar o versículo 21 com os versículos anteriores, então submeter-se uns aos outros em reverência a Cristo é explicar melhor o que significa ser cheio do Espírito. No versículo 18, não se embriague com vinho, o que leva à devassidão, mas seja cheio do Espírito.

E então os versículos 19 e 20 dão exemplos do que isso significa, e deveríamos incluir 21 com isso, para que a submissão uns aos outros seja um exemplo do que significa ser cheio do Espírito? Ou o número 21 inicia uma seção totalmente nova na carta de Paulo? Então, olhar para uma série de traduções e onde elas dividem Efésios 5 revela, eu acho, uma questão interpretativa no texto com a qual você terá que lidar. E isso é verdade em outros lugares, como espero que você saiba, as divisões de parágrafos e títulos em sua Bíblia não são colocados lá por Paulo, ou Mateus, ou Marcos, ou Isaías, ou Daniel, ou quem quer que seja, mas são o resultado dos tradutores modernos e dos acréscimos e as traduções que eles produziram. E eles estão lá apenas para nos ajudar a quebrar o texto.

Seria um pouco pesado e difícil ler o livro inteiro de Efésios sem parar. Mas só para você saber que essas são invenções humanas. Estas são as decisões do comitê de tradução.

Eles não foram colocados lá por Paulo, então não são inspirados, e às vezes podem diferir. Mas você notará que quanto mais você lê traduções, às vezes, nem sempre, mas às vezes, onde um comitê de tradução divide um texto, onde isso difere entre as traduções, às vezes pode revelar um problema interpretativo e pode fazer a diferença na forma como você lê o texto . Portanto, é importante comparar as traduções não apenas para ver algumas nuances adicionais, mas para ver onde elas diferem e onde podem revelar uma questão interpretativa ou um problema significativo.

E novamente, o texto de Efésios 5, creio eu, é um bom exemplo. Acho que você poderia apresentar um bom argumento baseado no próprio texto grego, que o versículo 21 acompanha os versículos 18 a 20. É uma explicação adicional do que significa ser cheio do Espírito.

Então, versículo 19, falem uns com os outros com salmos, hinos, cantem ao Senhor. Versículo 20, sempre dando graças ao Pai por tudo. E versículo 21, submissão ou submissão uns aos outros por reverência.

Isso remonta ao versículo 18, descrevendo ainda mais o que significa ser cheio do Espírito. Então fique atento até mesmo como um texto irá dividir ou como uma tradução irá dividir o texto nos parágrafos. E novamente, percebendo que isso é verdade, não somos de Paulo ou de João ou de quem quer que seja, essa é a decisão dos tradutores.

E às vezes você pode discordar disso. E tendo dito isso, de forma ainda mais geral, divisão de capítulos e divisões de versículos, espero que você saiba ignorá-los também. Eles estão lá simplesmente para nos ajudar a chegar ao mesmo lugar no domingo de manhã.

Você pode imaginar um pastor tentando ajudar seu público a encontrar o texto certo em algum lugar no meio do livro de Isaías, sem divisões de capítulos e versículos. Mas, fora isso, podem ou não indicar como o texto deve ser dividido ou como ele se desenvolve ou se desenvolve. Outro exemplo, novamente, uso um exemplo do Novo Testamento.

Um que já mencionamos está no capítulo cinco de Gálatas, o conhecido fruto da passagem espiritual onde Paulo contrasta as obras da carne, que acho que ele está se referindo às obras da lei, que a confiança no em última análise, a lei não supera as obras da carne. O que? É vivendo no espírito no capítulo cinco. Contudo, o que é interessante no versículo 516, quando ele introduz esse contraste entre a carne e o espírito, e o espírito referindo-se ao Espírito Santo, novamente, como uma espécie de aparte, isso é interessante, porque o Novo Testamento grego, por exemplo, não use letras maiúsculas ou minúsculas.

Na verdade, em nossa discussão sobre crítica textual, falamos sobre escrita ou manuscritos abertos, que muito provavelmente os manuscritos originais teriam sido escritos em letras maiúsculas e não teriam espaçamento entre eles. Por isso, é interessante quando você se depara com uma palavra como espírito, se você encontrar isso em maiúscula no seu texto em inglês, é uma decisão interpretativa. Novamente, Paulo originalmente não colocou a palavra espírito em maiúscula ou a palavra grega pneuma.

Ele não escreveu isso como P maiúsculo em grego, ou para pneuma, ou S maiúsculo em inglês. Portanto, se dizemos espírito com S minúsculo, referindo-nos apenas a um espírito ou ao espírito humano, ou S maiúsculo, o Espírito Santo, novamente, é uma decisão interpretativa por meio de traduções. E pode haver alguns versículos onde algumas traduções traduziriam com S minúsculo, referindo-se ao espírito humano, onde no mesmo versículo, outra tradução pode usar S maiúsculo, referindo-se ao Espírito Santo.

Portanto, mesmo coisas como pontuação, novamente, a pontuação não estava presente no texto original, seja uma palavra maiúscula ou minúscula, a maior parte disso é decisão do seu tradutor. Assim começa o capítulo 5, versículo 16 de Gálatas, então eu digo, viva pelo Espírito, S maiúsculo, deixando claro que os tradutores pensaram que esta palavra se referia ao Espírito Santo. Então eu digo viva pelo Espírito.

E é aqui que tudo se torna interessante, novamente, vou contrastar a NVI mais antiga e a nova NVI de 2011. A NVI mais antiga traduz assim. Então eu digo: viva pelo Espírito e você não satisfará os desejos da natureza pecaminosa.

Observe essa frase, a natureza pecaminosa, sugerindo talvez que eles interpretaram isso como significando que temos algum impulso, alguma inclinação, alguma natureza interior que está inclinada para o mal. Mas a palavra grega que existe, já falamos sobre isso, a palavra grega é na verdade a palavra sarx , uma única palavra sarx , que, curiosamente, outras traduções mais literais tentam encontrar uma única palavra em inglês, e a palavra que eles geralmente escolhe é carne. Portanto, estamos propensos a pensar nesta frase, neste texto, em termos do contraste entre o Espírito e a carne.

Mas, curiosamente, novamente, a palavra que Paulo usa é a palavra grega *sarx*, o Espírito e o *sarx*. Mas no capítulo 5, versículo 16, a antiga NVI dizia, traduziu o Espírito e a natureza pecaminosa. Agora observe o que a nova NVI faz.

O ano de 2011 diz: viva pelo Espírito, quase usando as mesmas palavras encontradas na antiga NVI, viva pelo Espírito, e você não satisfará os desejos da carne. Eles voltaram para o *mais*, a única palavra *carne*. Então, novamente, meu objetivo não é tentar resolver esse problema agora.

Na verdade, falaremos sobre a palavra *carne* mais adiante neste curso, quando tratarmos de semântica e estudo de palavras, análise lexical. Mas a questão é que, quando comparo até mesmo as duas mesmas traduções, a NVI, uma é uma edição atualizada, mas também outras traduções, e vejo uma tradução traduzindo a natureza pecaminosa, e outra traduzindo uma *carne*, isso então levanta uma questão em minha mente é: como devo entender essa palavra? O que está acontecendo? Por que a diferença na tradução? Quero dizer, em certo nível, pode-se ver que a palavra *carne* no inglês do século 21 pode sugerir que o corpo físico, que algo está errado com o corpo físico, ou que a semente dos pecados está em algum lugar do corpo físico, que talvez Paulo tenha tendências gnósticas, onde denigre o próprio corpo físico. Mas a NVI original estava tentando evitar isso, eu acho, tentando trazer à tona o que Paulo queria dizer com *carne*, ao dizer natureza pecaminosa.

Agora, alguém pode discordar disso. Eu mesmo acho que natureza pecaminosa não é uma boa tradução de *sarx*, a palavra que Paulo usou. Mas, ao mesmo tempo, você pode compreender que pode ver a diferença na filosofia da tradução ao tentar evitar, talvez, um mal-entendido.

Mas quando leio esses dois textos, pelo menos, tenho que perguntar: por que a diferença? Isso provavelmente revela uma questão interpretativa. Então, preciso

voltar e descobrir o que Paulo está tentando comunicar neste momento? E então veja se você consegue explicar as diferenças entre as traduções. Então, na minha opinião, acho que a melhor atitude na utilização de traduções na hermenêutica e na interpretação é usar tantas traduções quanto possível, para compará-las.

Número um, talvez para ver diferentes nuances de diferentes traduções. Mas, em segundo lugar, observe também onde eles diferem. Novamente, algumas diferenças podem ser bastante inconsequentes e resultado de estilo.

Mas outras diferenças, seja a forma como dividem um texto, as palavras que usam para traduzir, onde podem parar uma frase e começar uma nova, esses tipos de diferenças podem revelar uma questão interpretativa que, como intérprete, você está vou ter que lidar. Esperamos que agora você entenda um pouco mais sobre o que é uma tradução, a filosofia que está por trás dela e também como usar as traduções de maneira eficaz. Tudo bem, o que quero fazer agora é avançar um pouco mais na linha, e até mesmo historicamente e falando sobre isso, vimos a origem das escrituras no processo de inspiração e como isso influencia a hermenêutica.

Vimos o processo de transmissão em termos de reconstrução, através da crítica textual, do que muito provavelmente foi o texto original do Antigo e do Novo Testamento hebraico e grego, como base para a interpretação. E ainda mais adiante no processo de transmissão está a forma como isso foi traduzido através da tradução, como esse texto foi disponibilizado aos leitores no nosso mundo contemporâneo e nas suas línguas. Mas agora quero avançar um pouco mais e falar sobre a interpretação bíblica primitiva, começar a falar sobre hermenêutica ou interpretação bíblica especialmente.

E na verdade, eu quero começar do início, isso pode parecer meio bobo, mas o motivo de eu dizer isso é quando você pega um texto, e eu já disse isso, mas vale a

pena reiterar, quando você pega a Bíblia e começa a interpretá-lo, você não é o primeiro a fazê-lo. Você está de pé, você não é o primeiro a interpretar a Bíblia, mas você está em uma longa tradição de interpretar o texto bíblico, de envolver o texto bíblico, de tentar entendê-lo e entendê-lo, isso vem desde cedo. não apenas aos primeiros cristãos do primeiro século, mas desde a própria Bíblia. Sim, a própria Bíblia revela que a interpretação já está ocorrendo no texto bíblico ou dentro do texto bíblico.

Isto é, autores bíblicos, e como você já sabe, a Bíblia é produzida ao longo de um longo período de tempo, de modo que muitas vezes os autores bíblicos pegam textos anteriores, textos bíblicos, e os interpretam e os aplicam em seus próprios dias. e idade e para suas próprias situações únicas. Assim, o autor pegaria, reformularia e reinterpretaria para sua época e para seu público o texto bíblico anterior. Os estudiosos muitas vezes se referem a isso como interpretação bíblica interna, mas a questão é que a interpretação já está ocorrendo dentro da própria Bíblia.

Os autores pegam textos anteriores e tentam entendê-los, tentam aplicá-los e entendê-los e compreendê-los em seu próprio contexto. Novamente, o objetivo era tornar o texto anterior relevante para o leitor moderno, de modo que não fosse necessariamente apenas teórico para explicar o significado de um texto obscuro, embora isso pudesse ser verdade, mas muitas vezes para demonstrar que o texto ainda era relevante, visto que a Palavra de Deus ainda era relevante para as gerações posteriores do povo de Deus. Um exemplo muito bom disso, e veremos alguns exemplos em detalhes, mas especialmente a literatura profética do Antigo Testamento.

Às vezes, as previsões e profecias anteriores dos profetas são retomadas por profetas posteriores, como depois do exílio, quando Israel vai para o exílio e finalmente retorna à terra. Às vezes você tem profetas após o exílio pegando textos

anteriores e interpretando-os e demonstrando que eles ainda são relevantes, e eles estão reafirmando-os para o seu povo para demonstrar que Deus ainda está no controle. Deus ainda cumpre suas promessas.

As promessas não falharam. As profecias não falharam, que Deus realmente as fará acontecer e as levará ao cumprimento. Então deixe-me dar alguns exemplos tanto no Antigo Testamento como também em algumas das interpretações judaicas da época, e depois no Novo Testamento, e novamente meu propósito não é dar um relato detalhado da atividade interpretativa no Antigo ou no Novo Testamento.

Testamento, ou a teoria ou pressupostos teológicos por trás dele, ou exatamente o que eles estavam fazendo, mas principalmente para lhe dar apenas uma ideia de como, dentro da própria Bíblia, textos anteriores estão sendo interpretados, aplicados e utilizados de uma forma que se tornem relevantes para gerações posteriores do povo de Deus.

Assim, por exemplo, no Antigo Testamento, apenas para dar alguns exemplos típicos muito comuns, mas sem gastar tempo neles, Primeiro e Segundo Crônicas pegam material, por exemplo, de Primeiro e Segundo Reis, e pode haver uma relação semelhante entre esses livros como há entre Mateus, Marcos e Lucas, os chamados Evangelhos Sinópticos dos quais falaremos mais tarde, mas Primeiro e Segundo Crônicas provavelmente retoma material de Primeiro e Segundo Reis e agora o interpreta para um novo cenário isto é para um tempo após o exílio, talvez, uma perspectiva pós-exílica sobre esses eventos. Novamente, o objetivo é reafirmar a Palavra de Deus ou torná-la relevante para uma nova situação, demonstrar como ela se dirige ao povo de Deus num novo cenário, mostrar que a Palavra de Deus ainda é válida, a Palavra de Deus ainda fala, as promessas de Deus em Seu A palavra não falhou. Encontramos, como já disse, algo semelhante acontecendo na literatura profética.

Muitas vezes, penso eu, textos proféticos posteriores e escritores às vezes pegarão textos proféticos anteriores, e especialmente aquelas profecias que não foram cumpridas, que para alguns podem ter parecido previsões ou profecias fracassadas, mas os autores as selecionam para demonstrar e reafirmar. eles, para demonstrar que de fato Deus os cumprirá. Especialmente, a base parece ser que estas profecias ainda são válidas, estas profecias ainda são a Palavra de Deus. Deus é fiel em cumprir Suas promessas, então os profetas podem pegá-las e reafirmá-las e demonstrar que elas ainda serão de fato cumpridas e que Deus realmente cumprirá Seu propósito.

Então, eles pegam essas profecias e as afirmam para uma nova geração. Assim, por exemplo, vários profetas anteriores e vários profetas anteciparam uma restauração do templo quando Israel estiver no exílio e o templo for destruído. Vários profetas prometem e predizem que Deus realmente cumprirá Suas promessas, trazendo Seu povo de volta à terra, restaurando-o na terra e reconstruindo o templo.

Você encontra essa perspectiva especialmente nos primeiros 39 capítulos de Isaías. Ezequiel 40 a 48 dá alguns detalhes sobre a reconstrução e reconstrução de um templo escatológico, de um novo templo, onde Deus habitará com Seu povo. E assim, os primeiros profetas anteciparam esta restauração do povo do exílio e a reconstrução de um templo onde Deus, numa relação de nova aliança, habitaria com o Seu povo no templo e na terra.

Mas, curiosamente, a situação no exílio, de acordo com alguns dos profetas, não corresponde às expectativas que encontramos em Isaías ou Ezequiel. E assim, por causa disso, você encontra profetas posteriores ainda antecipando a reconstrução de um templo e a restauração do povo de Deus. Por exemplo, se eu puder encontrá-lo escondido nos profetas, no livro de Ageu e no capítulo 2. Ouça o capítulo 2 de Ageu. Como isso parece para você agora? Não te parece nada? Mas agora sê forte, ó Zorobabel, diz o Senhor.

Sê forte, ó Josué, filho de Jeosadaque , o sumo sacerdote. Sejam fortes, ó povo da terra, diz o Senhor. E trabalhe, pois estou com você, declara o Senhor Todo-Poderoso.

Esta é a aliança que fiz com vocês quando saíram do Egito, e meu espírito permanece entre vocês. Não tema. Então é como se o profeta lhes garantisse que, depois de voltarem do exílio, Deus realmente ainda está com seu povo.

E você percebe até mesmo a repetição da fórmula da aliança. Eu estou contigo. Mas então ele continua e diz: isso é o que o Senhor Todo-Poderoso diz.

Daqui a pouco abalarei mais uma vez os céus e a terra, o mar e a terra seca. Abalarei todas as nações, e o desejo de todas as nações virá. E encheri esta casa de glória, diz o Senhor Todo-Poderoso.

A prata é minha. O ouro é meu, declara o Senhor Todo-Poderoso. A glória desta casa atual será maior do que a glória da casa anterior, diz o Senhor Todo-Poderoso.

E neste lugar concederei paz. Portanto, é quase como se a situação após o exílio, quando o povo regressou à terra, agora não estivesse à altura de alguns dos grandes profetas e das suas profecias. De modo que agora Ageu reafirma que Deus ainda encherá esta casa com a sua glória e ainda fará dela a visão espetacular que se encontra nos profetas como Isaías e Ezequiel.

Assim, os profetas posteriores muitas vezes retomam textos proféticos anteriores. Novamente, não porque estejam tentando salvar a aparência ou corrigir um erro, mas acho que porque estão convencidos de que, apesar das aparências, as promessas de Deus ainda são válidas. Deus ainda está no controle e certamente cumprirá suas promessas.

Então eles os retomam e demonstram como ainda são relevantes para o povo de Deus. Deus não se esqueceu do seu povo e Deus certamente cumprirá as suas promessas. Assim, o próprio Antigo Testamento revela que o processo de interpretação já está em curso.

Novamente, sempre que você pega sua Bíblia para lê-la, você segue uma longa tradição de leitura, compreensão e interpretação de textos bíblicos, tentando torná-los relevantes para você e para o leitor moderno. A interpretação não é novidade. Já está acontecendo nos próprios textos bíblicos pelos próprios autores bíblicos.

Continuando, especialmente no que diz respeito ao Antigo Testamento, temos outros exemplos de tentativas muito antigas de interpretação do texto bíblico. Por exemplo, o Judaísmo Rabínico, o Judaísmo dos primeiros séculos, mesmo antes e no primeiro século, a era do Novo Testamento, revela e além revela uma série de tentativas e uma série de ideias relacionadas à forma como o texto do Antigo Testamento foi adotado, e interpretado e compreendido. E, novamente, parece-me que o objetivo principal é o que, como vimos com o Antigo Testamento, era demonstrar como esses textos são relevantes.

Não foi apenas intelectualmente descobrir o significado do texto, mas perguntar como esses textos são relevantes? Como eles continuam a falar ao povo de Deus? E o que quero focar são três ou quatro órgãos principais. Na verdade, vou me concentrar em quatro trabalhos principais associados ao Judaísmo Rabínico. A tentativa do Judaísmo de enfrentar suas próprias escrituras, compreendê-las e torná-las relevantes.

É importante entender muito disso, grande parte da literatura sobre a qual vou falar, grande parte dela foi escrita mesmo depois da era do Novo Testamento,

especialmente com a destruição de Jerusalém em 70 DC. E mesmo depois disso, muito disso foi escrito, mas provavelmente ainda em muitos lugares reflete a atividade interpretativa que já ocorria muito antes de ser escrito. Assim , por exemplo, um conjunto de literatura é conhecido como Mishná.

A Mishná é basicamente a codificação escrita da interpretação oral da lei pelos rabinos da época. Em outras palavras, junto com a lei escrita de Moisés cresceu um corpo de ensino oral e literatura oral que mais tarde, por volta de 200 dC, ou seja, 200 anos aproximadamente após o nascimento de Cristo, 200 anos depois daquele evento, você tem a Mishná produzida. , que é então a codificação literária desta tradição oral. Então, novamente, embora a Mishná ocorra e surja em forma escrita muito mais tarde do que os escritos do Novo Testamento, que provavelmente foram os últimos escritos no final do primeiro século, ela provavelmente ainda incorpora atividade interpretativa e compreensão da lei que ocorreu muito antes disso.

Assim , a Mishná, a forma escrita da lei oral, a lei oral comprometida por escrito na forma da Mishná. Outro corpo de literatura é o que é conhecido como Talmud. E, novamente, darei apenas breves descrições.

Na verdade, existem dois Talmuds , poderíamos dizer. Um era conhecido como Talmud Palestino e o outro era Talmud Babilônico. Você pode ver esses dois nomes utilizados.

Eles produziram cerca de 400 DC e 600 DC , respectivamente. Novamente, embora estes tenham sido escritos muito mais tarde, eles mais uma vez podem incorporar uma atividade interpretativa muito antiga por parte de intérpretes judeus.

Basicamente, o que o Talmud era é um comentário adicional sobre a Mishná.

Novamente, a própria Mishná parecia precisar de atualização, então o Talmud é um comentário adicional e uma explicação adicional da Mishná, que como dissemos, em si era o compromisso de escrever a lei oral. Outro, o terceiro corpo de literatura, para enfatizar brevemente, é o Midrash. O Midrash era basicamente uma espécie de comentário contínuo sobre o texto bíblico, onde muitas vezes um texto bíblico era tratado assim.

Uma linha de um versículo de um texto foi citada e depois descompactada e interpretada. Frequentemente, outros textos foram trazidos do Antigo Testamento que foram usados para interpretá-lo e para a compilação do que os rabinos estavam dizendo sobre esse versículo. Portanto, o Midrash era uma espécie de comentário contínuo sobre o texto bíblico, não muito diferente do que alguns pregadores fazem no domingo de manhã, onde trabalham versículo por versículo através de um texto com seus comentários e explicações.

E então um último, um quarto corpo de literatura, poderia ser os Targums. Os Targums eram basicamente traduções aramaicas ou paráfrases do Antigo Testamento. À medida que o aramaico se tornou a língua padrão, houve necessidade de a Bíblia ser comunicada em aramaico.

E a maioria pensa que os Targums tiveram sua origem no ensino das escrituras do Antigo Testamento na sinagoga em aramaico. E novamente, mais tarde, eles foram comprometidos em escrever na forma que temos agora como os Targums. E mais uma vez, os Targums foram escritos, a maioria deles muito depois do Antigo Testamento, ou do Novo Testamento, mas provavelmente muitas vezes incorporam e contêm atividades interpretativas e paráfrases que são muito anteriores à data em que foram realmente cometidos a escrever. .

Dentro da literatura rabínica, muitas vezes havia regras que caracterizavam a atividade interpretativa rabínica conhecida como Middow . Uma característica disso, ou simplesmente sem passar por todas as regras, há muitos livros didáticos que as abordam, mas apenas para destacar algumas delas, algumas regras, e há até debate se são realmente regras que eles seguiram ou simplesmente explicações sobre o que fizeram e de onde se originaram. Não vou entrar nisso.

Mas, por exemplo, uma das chamadas regras da atividade interpretativa rabínica era argumentar do menor para o maior. Isto é, se algo que é menos importante é verdade, então o maior também deve ser verdade. E talvez encontremos este tipo de argumentação presente nas parábolas de Jesus, onde frequentemente ele argumenta do maior para o menor.

Assim, no Sermão da Montanha, ele argumenta que se Deus se preocupa com os pássaros e os veste e cuida deles, o menor, certamente ele se preocupa com o maior, que seria a humanidade, que seria o clímax da criação, que é seres humanos. Então você verá Jesus argumentando dessa maneira, e até mesmo em suas parábolas. Se um juiz injusto, se um juiz humano injusto finalmente tratar uma mulher com justiça, certamente, se o menor for verdadeiro, certamente o maior é verdadeiro, que Deus buscará justiça para o seu povo que lhe pedir.

Portanto, uma característica era argumentar do menor para o maior. Outra característica é que você encontra com frequência, e menciono esses dois porque acho que você os encontra com frequência no Novo Testamento. Outra característica é interpretar um texto, um texto do Antigo Testamento, à luz de outros textos do Antigo Testamento que têm semelhanças. redação ou vocabulário. Às vezes é apenas uma palavra que os une.

E pegar um texto bíblico com uma palavra e encontrar outro texto do Antigo Testamento com uma palavra semelhante e usá-lo para ajudar a preencher, descompactar e interpretar esse texto. Eles estão ligados por um vocabulário ou tema comum. Mas, novamente, a importância desta atividade é demonstrar como os primeiros intérpretes entendiam as suas próprias escrituras.

A importância de estudar como os autores do Antigo Testamento usaram textos anteriores do Antigo Testamento ou de olhar para os corpos rabínicos da literatura e como eles interpretaram o texto do Antigo Testamento. Eles esclarecem como os primeiros intérpretes entendiam suas próprias escrituras e como as interpretavam? E também levantam a questão: como isso pode afetar o modo como os autores do Novo Testamento interpretaram, leram e utilizaram o texto do Antigo Testamento também? Outra fonte não-bíblica de interpretação e tentativa de interpretar e combater o texto do Antigo Testamento é a literatura de Qumran que vem dos Manuscritos do Mar Morto.

A comunidade de Qumran era uma seita que se isolou numa comunidade perto do Mar Morto, daí o título de Manuscritos do Mar Morto, e se viu em desacordo com o que estava acontecendo no sistema, no status quo e no sacerdócio em Jerusalém. E eles responderam a essa influência isolando-se e formando a sua própria comunidade onde aguardariam o reino de Deus e até esperariam que Deus reconstruísse o templo. Entretanto, eles eram o templo, o templo escatológico de Deus onde Deus habitava.

Ninguém mais, nem mesmo outros judeus, eles eram o verdadeiro povo de Deus e Deus habitava no meio deles. Eles eram o verdadeiro templo que um dia Deus construiria um templo no meio deles. Mas a importância dos Manuscritos do Mar Morto para a compreensão da interpretação bíblica é que a comunidade de Qumran

encontrou, na verdade encontrou no Antigo Testamento, a justificação para a sua própria existência.

Eles lêem o texto do Antigo Testamento quase profeticamente como uma antecipação e justificação de sua existência. Alguns de nós podem ler alguns textos de Qumran e pensar que eles são alegóricos e que estão brincando com as Escrituras de maneira rápida e solta. Mas, novamente, eles estão tentando fornecer justificativas para sua própria existência.

Eles estão tentando explicar e fornecer uma razão para sua própria existência e sua própria atividade e suas próprias expectativas e esperanças, dada a sua situação. E há todo tipo de exemplos na literatura de Qumran. Às vezes, a literatura de Qumran revela simplesmente edições ou manuscritos de textos do Antigo Testamento, apenas cópias de textos do Antigo Testamento.

Às vezes revela textos mais voltados para fornecer diretrizes e regras e regulamentos para a vida na comunidade. Mas outras vezes, alguns dos textos são mais interessantes, são mais parecidos com o midrash de que falamos. São comentários sobre o texto bíblico.

Um muito interessante e revelador e um dos mais famosos é o comentário sobre Habacuque, o Peshar e Habacuque. Mas acho que é ainda mais interessante, ou pelo menos tão interessante quanto o Isaías Peshar ou o comentário sobre Isaías. E o que ele faz, assim como falamos com o midrash, e alguns dos Manuscritos do Mar Morto são fragmentários, então não temos comentários completos ou texto completo.

Mas muitas vezes o que eles fazem é percorrer um texto bíblico linha por linha e interpretar cada linha. Eles citarão uma frase e depois a interpretarão e a exporão, novamente, demonstrando como ela se aplica à sua própria comunidade e como se

aplica à sua própria situação. E um dos textos intrigantes é o comentário ou midrash sobre Isaías capítulo 54.

E o capítulo 54 é uma profecia de restauração. Mais uma vez, Israel foi para o exílio por causa da sua idolatria e do seu pecado. E Isaías antecipa um tempo de restauração, onde Deus trará o seu povo de volta à terra e os restaurará e entrará num relacionamento de aliança com eles, em última análise, numa nova criação no final do livro.

Mas o capítulo 54 é muito intrigante. E nos versículos 11 e 12, encontramos uma explicação muito interessante sobre a restauração de Jerusalém e do seu povo. Você pode se lembrar que eles estavam no exílio, e agora Isaías antecipa um tempo de restauração.

Capítulo 11 e 12, Ó cidade aflita, seja o povo de Deus, Israel e Jerusalém, que será destruído e conquistado por estrangeiros para levá-los ao exílio como punição por seus pecados. Agora o profeta diz: Ó cidade aflita, fustigada pelas tempestades e não consolada. Agora aqui está o contraste.

Edificarei você com pedras turquesas e seus alicerces com safiras. Farei suas ameias de rubis, seus portões de jóias brilhantes e todos os seus muros de pedras preciosas. E então, versículo 13, todos os seus filhos serão ensinados pelo Senhor e grande será a paz de seus filhos.

Na retidão, você será estabelecido e a tirania estará longe de você. Assim, a situação no exílio será invertida. Eles serão trazidos de volta, a cidade será restaurada.

Mas o autor descreve-o como sendo reconstruído com estas pedras preciosas e jóias. E reparem que ele relaciona as principais características da cidade, os alicerces, as

pedras que a compõem, as ameias, as portas, as muralhas , etc. quando for reconstruído.

Agora, o que quero ressaltar sobre isso é que é interessante o que a comunidade de Qumran faz com este texto. O que eles fazem é pegar todas as pedras e partes da cidade e alegorizá-las para se referirem aos membros da comunidade. Assim, os membros fundadores originais da comunidade, o conselho da comunidade de Qumran, os principais sacerdotes e outros grupos são equiparados a estas peças da cidade, a estas características arquitetónicas da cidade e às jóias que as compõem.

Para que a comunidade de Qumran encontrasse novamente neste texto uma justificativa para a sua própria existência. Eles pensaram que Isaías estava realmente prevendo e antecipando a fundação da comunidade de Qumran. Portanto , é interessante que eles não tenham encontrado nisso uma profecia de uma cidade literalmente reconstruída, mas alegorizaram as partes da cidade em Isaías 54, 11 e 12 para se referirem a pessoas reais.

Não muito diferente do que Paulo e outros autores do Novo Testamento fazem quando equiparam os blocos de construção da cidade ou as pedras de uma cidade ou partes do templo ao povo de Deus. Para que até Pedro possa falar sobre o fato de que o povo de Deus é a pedra que está sendo edificada. E Paulo pode falar sobre o povo como um templo construído sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Jesus a principal pedra angular.

Portanto, a comunidade de Qumran leu este texto como uma justificativa para a sua existência e estabelecimento, para mostrar que a sua própria fundação como comunidade é nada menos do que o que o próprio Isaías estava prevendo. E eles poderiam encontrar nas Escrituras uma antecipação de sua própria existência e uma justificativa para sua existência. Então, novamente, a comunidade de Qumran é

outro exemplo de como pegar textos bíblicos e interpretá-los ou reinterpretá-los para se referir à sua própria existência, para se referir à sua própria comunidade, para torná-los relevantes como povo de Deus, para demonstrar como eles podem ter significado e validade contínuos.

Mais uma vez, a comunidade de Qumran e outros não estão apenas tentando, eles não apenas olham para o texto como um simples artefato a ser exegetado e apenas para extrair o significado histórico original. Mas é interessante que eles estejam tentando, quer concordemos ou não com o que eles estão fazendo, ou por mais bobo que isso nos pareça, eles estão tentando pegar o texto e mostrar sua relevância e sua validade para o povo de Deus de seu país. dia. Passando agora para o Novo Testamento, descobrimos que a atividade interpretativa continua no Novo Testamento.

E uma das questões é porque a maioria dos autores do Novo Testamento são judeus ou têm formação no judaísmo, uma das questões é até que ponto eles estão simplesmente refletindo e seguindo métodos padrão de interpretação, tais como encontramos na interpretação rabínica. E, novamente, não quero abordar esse assunto especificamente. Poderíamos dar alguns exemplos de onde eles podem estar seguindo técnicas semelhantes.

Mas a chave é, na minha opinião, por causa da vinda de Jesus Cristo, porque Jesus Cristo vem para cumprir o Antigo Testamento, os autores do Novo Testamento, creio que em sua maioria, lêem o Antigo Testamento através das lentes de cumprimento em Jesus Cristo. Eles viam todo o Antigo Testamento apontando para Cristo. Na verdade, o próprio Jesus Cristo pode ser responsável por esta mesma perspectiva.

Um dos textos mais conhecidos que sugere algo assim é o encontrado em Lucas capítulo 24 e versículo 27. Após a ressurreição de Jesus, ele aparece a dois homens

no caminho de Emaús e começa a conversar com eles. E 24-27 é um dos versículos mais intrigantes.

O versículo 25 começa, Jesus disse a eles, a esses dois homens, quão tolos vocês são e quão lentos de coração para acreditar em tudo o que os profetas falaram. Cristo não teve que sofrer essas coisas e então entrar na sua glória? É interessante que o próprio Jesus parece pensar que o seu próprio sofrimento está previsto nos profetas. E então o versículo 27, que talvez encapsula a abordagem de Jesus do Antigo Testamento, seja como for entendido, e possa estabelecer, esse tipo de coisa provavelmente estabelece a base para como seus seguidores interpretam o Antigo Testamento.

Jesus diz, ou Lucas continua e diz, e começando por Moisés e todos os profetas, ele explicou-lhes, Jesus explicou-lhes o que foi dito em todas as escrituras a seu respeito. E assim, com base em um texto como este, muito provavelmente os autores do Novo Testamento leram o Antigo Testamento através das lentes do cumprimento em Cristo. Em última análise, não importa o que façam com isso, eles finalmente veem Jesus Cristo como o clímax da revelação do Antigo Testamento, como o cumprimento, como aquilo para o qual o Antigo Testamento estava apontando.

Então eles leram o Antigo Testamento finalmente à luz do cumprimento em Cristo. Mas para dar alguns exemplos de interpretação do Novo Testamento e demonstrar a gama de atividades interpretativas até mesmo dos autores do Novo Testamento, é interessante que possamos ver desde interpretações mais literais até interpretações que demonstrarão serem mais analógicas ou tipológicas. . Isto é, às vezes os autores do Novo Testamento parecem achar o cumprimento bastante direto, quase diríamos literal, do texto do Antigo Testamento.

Outras vezes, quando você o lê, não fica tão claro como os autores do Novo Testamento pensam que Jesus ou algum evento cumpre esse texto do Antigo Testamento. Nesses casos, a conexão pode não ser de previsão e cumprimento, mas pode ser mais analógica ou tipológica. Ou seja, o autor vê padrões repetidos.

Da mesma forma que Deus trabalhou sob a Antiga Aliança no Antigo Testamento, agora ele está trabalhando de uma forma semelhante, porém maior, sob a Nova Aliança, realizada através do cumprimento em Cristo. E também uma série de outras maneiras pelas quais os autores do Novo Testamento utilizaram o texto do Antigo Testamento. Portanto, em nossa próxima sessão, veremos alguns exemplos específicos de como os autores do Novo Testamento utilizaram o texto do Antigo Testamento e, em seguida, prosseguiremos examinando a história da interpretação.

Deixaremos algumas lacunas bastante grandes. Iremos saltar novamente sobre vários períodos da história da igreja para pintar traços bastante amplos e abordar as principais figuras de interpretação e como elas afetam a maneira como abordamos a hermenêutica e como participamos e nos envolvemos na interpretação bíblica. Mais uma vez, lembrando que não somos os primeiros a pegar e ler este texto.

Ao pegar e ler o texto, você não o faz isoladamente. Você não faz isso no vácuo. Você chega a isso, quer você perceba ou não, influenciado e assumindo sua posição em uma longa linhagem daqueles que vieram antes de você e que tentaram compreender e dar sentido ao texto bíblico.